

---

# O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum  
ad destinatum persequor, ad bravium tri-  
umpbi Ecclesiae... in Christo Jesu.

ID 13. 14.

---



O P.º AFFONSO DE RATISBONA

## SECÇÃO RELIGIOSA

## Maria Magdalena

*Remittuntur ei peccata multa quoniam dilexit multum.*

*Luc. VII, 47.*

**J**ESUS aborrecia certamente os vícios dos Phariseus, mas não as suas pessoas. Rogado a jantar com um d'elles, Jesus entrou em casa do phariseu e assentou-se á meza a comer com elle.

Durante o banquete, entrou na salla uma mulher com um vaso de alabastro de unguento precioso: esta mulher chamava-se Maria Magdalena, uma peccadora que toda a cidade conhecia pela sua vida escandalosa.

Em presença dos convivas, Magdalena prostrando-se por detraz de Jesus começou a regar-lhe com lagrimas os pés, e os enxugava com os cabellos, e lhe beija os pés e os ungia com o balsamo.

O dono da casa, em vista d'esta acção de Magdalena, admirou que Jesus a tolerasse. E o phariseu disse lá consigo: Se este homem fóra Profeta, bem saberia quem, e qual é a mulher, que o toca; porque é peccadora!

Então Jesus quiz mostrar ao phariseu que sabia melhor do que elle quem era esta mulher, e que a conhecia tão bem como elle proprio: «Simão — diz Jesus — tenho que dizer-te uma coisa. — Mestre, dize-a, responde Simão. — Um crêdor tinha dois devedores: um lhe devia quinhentds dinheiros, e outro cincoenta. Porem não tendo os taes com que pagarem, remetteu-lhes elle a ambos a divida. Qual pois o amará mais? Respondendo Simão, disse: Creio que aquelle, a quem o crêdor perdoou maior quantia. — Julgaste bem, disse-lhe Jesus.»

Então, vo tando-se para a Peccadora, mas continuando a fallar com o phariseu, disse: «Vês esta mulher? Entrei em tua casa, não me deste agua para os pés; mas esta com as suas lagrimas regou os meus pés, e os enxugou com os seus cabellos. Não me deste ósculo; mas esta, desde que entrou não cessou de me beijar os pés. Não ungieste a minha cabeça com balsamo e esta com balsamo ungiu os meus pés. *Pelo que te digo: Que perdoados lhe são seus muitos peccados, porque amou muito. Mas ao que menos se perdoa, menos ama.*

Ensino profundo e sublime. A lei de Jesus está toda simplificada n'esta palavra: amor. Não é pelo espirito que o homem se eleva até á luz divina, mas é pelo coração.

O balsamo de Maria Magdalena encheu a terra e atravessou os seculos. Uma vez que fóra acceito por Jesus,

tornou-se o aroma mesmo de Christo, o aroma da clemencia infinita que atrai á vida eterna. Magdalena é a primeira penitente do Salvador, que o reconhece verdadeiramente como Salvador, no sentido que havia de «Salvar o seu povo do peccado.»

Maria Magdalena pede a Christo a verdadeira cura, a das feridas mortaes da alma; e ella dando a verdadeira satisfação, a das lagrimas, paga-lhe o verdadeiro tributo, o do amor. Jesus concede-lhe uma tal gloria como a outrem não concedera. E porque? — Porque Magdalena «amou muito!»

Uma palavra assim ainda não havia sido pronunciada n'este mundo; e o mundo nada imaginou que com ella possa ser comparado. Palavra que no mundo ficou, mais poderosa sobre os corações que todas as luzes da razão, que todos os livros da moral e que todas as oppressões da lei!

Jesus, portanto, diz á grande Peccadora (d'então a grande Penitente): — «Perdoados te são teus peccados.» Os Phariseus murmuram, como elles haviam murmurado em Capharnaum quando ouviram a mesma linguagem. «Que é este, disseram os que comiam ali, que até perdoa peccados?»

Ah! E' que o mundo em taes casos, ou não consente a condemnação, ou não consente a absolvição! O que se vê por esse mundo além é apenas uma infame indulgencia, ou um implacavel rigor. Mas Deus vê o arrependimento, perdoa e purifica.

Sem responder mais nada aos Phariseus, Jesus diz para Magdalena: «A tua fé te salvou: vae-te em paz.» Jesus Christo não acrescenta o que disse ao paralytico, ou o que diz mais tarde á mulher adúltera: «Não peccais mais.» Magdalena ama, e nada mais tem que dizer-lhe.

A infinita doçura de Jesus revela-se excellêntemente n'esta pagina, uma das mais admiraveis d'um livro todo inteiro admiravel!

Radicalmente curada, Magdalena segue por toda a parte o Senhor. Em toda a occasião se nutria da sua palavra, aquelle maná celeste que saia fluente dos seus labios. Um unico pensamento, um unico desejo enchia a alma de Magdalena: vê-o, ouvil-o.

O amor d'esta sancta mulher continuava a ser um balsamo que ella derramava a toda a hora por onde passasse o Salvador. Já nos momentos dos ultrages, já nos momentos da glorificação, contra ou a favor do seu Divino Mestre, ahí se achava sempre Magdalena prompta a participar quer do insulto quer do triumpho, em proporção que lhe coubesse. A sua vida acha-se encadeada com a vida de Jesus.

E o Salvador encarando-a com ar

de mansidão, e ensinando ao mesmo tempo, nas suas parabolias que o arrependimento abre as portas do ceu, dava a consagração a este divino preceito com um adoravel exemplo.

Jesus acolhia a humilde Peccadora; conversava com ella, e mais tarde, no derradeiro instante, prestes a expirar, volve-lhe um olhar de misiricordia, como para mostrar que o arrependimento eguala a innocencia e que a lembrança do crime não apaga nunca a esperanza.

*J. C. de Faria e Castro.*

## Caridade



**C**ARIDADE é a flor mimosa e sublime de todas as virtudes, é a benegação do interesse e commodidade propria para utilidade do proximo, é a consolação levada ao que soffre despida de qualquer lucro, é o auxilio ao precisado sem pretensão de agradecimento, é o beneficio sincero e franco ao necessitado ainda mesmo que nos haja offendido, é o perdão das maldades, affrontas e prejuizos que nos hajam causado, é finalmente o conjunto de todos estes preceitos para o devido desempenho no mandamento — amar a Deus sobre todas as cousas e ao proximo como a nós mesmo. —

A caridade não é só dar esmola ao pobre, repartindo com elle uma pequena parte do muito que nos sobeja, não é socorrer o indigente por ostentação e favor, é mais elevada esta virtude, e a sua pratica tão variada como extensa, não deve cançar nem constranger aquelle que a faz, seguindo os verdadeiros preceitos; podendo todos e em todas as condições da sociedade opulentos ou humildes desempenharem esta virtude santa e benefica.

O rico pode alliviar a desgraça com o seu ouro, prevenir grandes males e até crimes.

O poderoso pode sem dispender, fazer grandes beneficios, empregando a sua alta e valiosa e protecção.

O que vive parcamente e o pobre podem prestar actos da maior caridade tão uteis ao proximo, como agra daveis a Deus.

O tracto d'um doente, a vesita a um encarcerado, um serviço qualquer a quem precise e que não possa desempenhar, são auxilios consolações e confortos que elevam a alma, purificam as imperfeições, o trarão com arrependimento das culpas o perdão e a graça do Martyr do Golgotha, Jesus Christo.

S. Thiago de Bougado, 27 de junho de 1886.

*M. J. de Faria Lino.*

## SECÇÃO SCIENTIFICA

## Os principios catholicos perante a rasão

(Continuado do n.º anterior)

## XI

## Milagros de Jesus Christo

*Necessidade da morte de Jesus. — O capitulo LIII de Isaías. — O livro Siphre e o Thalmud. — Os Rabbinos commentadores. — Cornelio Tacito. — Flegon. Josepho e Porphyrio. — Reflexões. — O sepulchro. — Supposto roubo do cadaver. — Terror dos Apostolos. — Interesse da Synagoga em occultar o successo.*

**D**OIS foram os milagros de Jesus Christo que se negam com maior empenho, e por este motivo julgamos necessario occupar-nos do exame d'elles separadamente.

Nega-se que o Redemptor perecesse no Calvario, accitando-se a possibilidade absurda de que em seu logar morreria outro homem: e se os impios confessam a morte de Jesus, dizem que o cadaver foi roubado do sepulchro: nega-se igualmente a ascensão de Jesus Christo ás mansões eternas da gloria.

A morte de Jesus era necessaria para que se cumpisse o sancto mysterio da redempção; as suas affrontas e tormentos, cujo termo foi a morte mais cruel, estavam annunciadas na propheta sublimede Isaías com phrazes inspiradas, que em outro logar copiamos (1).

O capitulo LIII de tão admiravel escriptor é um prognostico evidente e claro da paixão do Redemptor, como o crêram muitos doutores da lei; e o livro Siphre (2) confirma este juizo, expondo os vers. 4 e 5 do indicado capitulo.

No mesmo sentido entenda o Thalmud as palavras do Propheta (3), e é esta a opinião accite pelos rabbinos Maimonides, José de Galilá. Makir e Moysés Hadarsan, que no Beresith Rabba reconhece a exacta applicação do vers. 7 ao Messias promettido: «Foi offerecido, porque elle mesmo quiz, e não abriu a sua bocca: elle será levado como uma ovelha ao matadouro, e como um cordeiro diante do que o tosquia, e emmudecerá e não abrirá a sua bocca.» Com a mais admiravel exactidão pinta este versiculo o drama horrivel que passados oito seculos havia de representar-se no Calvario! «. . e subirá como arbusto diante d'elle, e como raiz que sai d'uma terra sequio-

sa: elle não tem belleza, nem formosura, e vimol-o, e não tinha parecença do que era, e porisso nós o estranhamos... e o Senhor quiz quebrantalo na sua enfermidade: se elle tiver dado a sua alma pelo peccado, verá a sua descendencia perduravel, e a vontade do Senhor será por sua mão prosperada (1).»

Cumpriram-se as prophecias morrendo ignominiosamente o Salvador no meio das zombarias e insultos d'um povo inhumano. Omittiremos as citações de auctores ecclesiasticos que escreveram aquelle tragico successo, para recordarmos o seguinte testemunho de Cornelio Tacito, profundamente preoccupado contra os primeiros fieis por causa de suppostos crimes e calumnias infundadas (2).

Este escriptor, referindo nos seus *Annaes* que Nero culpou os christãos de terem incendiado Roma para vingarse d'este crime, dizia o seguinte: «Com o fim de apartar a opinião publica d'aquella accusação, accusou certas pessoas que o povo aborrecia por causa dos seus crimes, e castigou-as com ferozes tormentos; chamam-se vulgarmente christãos. Esta seita foi fundada por Christo, a quem o governador da judea Ponce Pilatos mandou matar no reinado de Tiberio (3).»

Flegon conta igualmente a morte do nosso Salvador (4), e o mesmo acontecimento se acha referido nas obras de Josepho (5) e de Porphyrio (6).

A morte de Jesus foi real e verdadeira, e consequencia necessaria dos ferozes tratos que seu sanctissimo corpo padecera e dos cruéis acoites e infinitos golpes que lhe dera uma soldadesca sanguinaria antes de arrastar aos hombros a pesada e tosca cruz.

Os escriptores representam-no exanimado e sem forças no Calvario, e brutalmente acoitado, subindo trabalhosamente ao alto do sagrado monte em que havia de consummar se o sacrificio: cravos enormes lhe atravessam as mãos e os pés para suspenderem aquelle divino corpo no sacrosanto madeiro da cruz; e se tivera podido resistir a tão grande martyrio, necessariamente haveria de morrer da ferida que do lado esquerdo lhe abriram com a lança que lhes traspassou o coração.

Com que criterio é que nos dizem que Jesus Christo não morreu na cruz, saindo por esta causa vivo do sepul-

(1) Isaías, cap. LIII, v. 7, 2 e 10.

(2) Todos os auctores gentios e pagãos aborreciam a nova religião, acreditando nas calumnias vulgares de que eram accusados os christãos; mas os que estudavam a sua moral convertiam-se a ella.

(3) *Annaes*, liv. XV cap. XLV.(4) *Hist. das Olymp.* liv. XIII.(5) *Antig.* liv. XX e seguintes.(6) *S. Ag.* liv. XIX, de *Civ. Dei*, cap. XXIII.

chro? Um povo inteiro presenciou o sangruento drama; rodeavam o patibulo muitos phariseus, não poucos escribas e grande numero de sacerdotes: a guarda romana desempenhava muito bem o seu serviço, e um centurião levou a Pilatos a noticia da morte da victima innocente logo que ella expirou.

N'aquelle santificado monte permaneceu a concorrência até que José o Nicodemos se encarregaram do cadaver, que foi embalçamado com cem libras de aromas, sendo sepultado publicamente e á vista de numerosas testemunhas.

A paixão, morte, embalsamento e sepultura do corpo de Jesus foram factos publicos, e não é possível admittir-se sobre elles a menor duvida.

Com a mesma leviandade se tem supposto que no proprio acto do supplicio haveria mudança de pessoa: substituição absurda e impossivel, porque fóra do catholicismo não ha homens capazes de sacrificarem a vida em beneficio do seu proximo: nem podia illudir-se com facilidade o cuidado e vigilancia dos ferozes inimigos de Jesus, a quem não teriam soltado facilmente no acto de verem satisfeita a sua vingança.

(Continúa)

D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo

## SECÇÃO HISTORICA

## A Porciuncula

**T**odo aquelle que ama a natureza e sente as suas bellezas e encantos, se tem viajado na Italia e visto attentamente aquella terra, deseja tornar a vel-a: por toda a parte algum monumento de arte por toda a parte alguma recordação illustre ou atrahente chama a attenção do viajante.

Mas com mais forte rasão devemos dizer que na Italia ha grandezas religiosas, maravilhas christãs, cujo divino reflexo se faz sentir em todo o universo catholico.

A cidade do Assis, na Ombria, encerra um d'estes grandes prodigios; o nome de Assis traz logo á lembrança um dos heroes mais portentosos, que a Providencia tem suscitado sobre a terra e tem empregado na regeneração da humanidade, o patriarcha seraphico S. Francisco.

O seculo XIII, tão fecundo em milagros de santidade, de genio e de heroismo, viu nascer o humilde cavalleiro de Jesus Christo, futuro sustentaculo da Igreja militante, o pobre Francisco, o grande fundador da Ordem dos me-

(1) Cap. V d'esta obra

(2) Mais antigo que o Thalmud

(3) Livros Beresith, Rabba, Midra-ch. Thalmud e Thanchuma.

nores, cujos filhos, como os filhos de Jacob, se multiplicaram tanto como as estrellas do ceu, as flores do campo e as areias do mar.

Assis foi o theatro das suas glorias, e a egreja de *Santa Maria dos Anjos*, no seu tempo humilde e pobre, mas hoje vasto e sumptuoso templo, está perfumado da presença do santo, que alli orou, chorou, revêheu de Deus a graça de fundar uma nova ordem na Egreja, e finalmente morreu.

Este lugar é santo: todas as gerações, que ha seiscentos annos teem passado, teem sentido descer sobre si a força, a resignação e a esperança. Nosso Senhor o havia promettido a seu servo Francisco, e a sua palavra é eterna.

Como esta egreja no seu principio era pequenina, chamou-se-lhe uma pequena parte ou *porção* de egreja, por outro nome *Porciuncula*. Hoje, porém, é um dos templos mais magnificos e um dos mais venerandos e venerados sanctuarios da Italia. A sua maior celebridade provem-lhe da visão que alli teve S. Francisco, e da extraordinaria indulgencia concedida a este lugar santo.

Era no mez de outubro de 1221. O servo de Deus estava prostrado na sua cella, arrebatado em altissima contemplação, orando fervorosamente pelos peccadores.

Um anjo lhe diz que immediatamente se dirija á egreja. Assim o executou. E alli encontrou Nosso Senhor e a Virgem Santissima e uma grande multidão de espiritos celestes.

«Francisco, lhe diz o Salvador, vós e vosso irmão tendes grande zelo pela salvação das almas. Vós fostes collocado como um facho no mundo, como sustentaculo da Egreja.

«Pedi, pois, o que quizerdes, para bem dos povos e para gloria minha.»

Francisco pediu para todos aquelles que visitassem aquella egreja, uma indulgencia plenaria dos seus peccados, depois de os haverem confessado e de se terem arrependido.

A Mãe das misericordias, Maria Santissima, inclinou-se para seu Filho que respondeu a Francisco:

«Concedo-vos o que pedis; mas isto seja ratificado na terra por aquelle a quem eu dei o poder de atar e desatar.»

O Papa Honorio III, que então occupava com tanta gloria a Cadeira de S. Pedro, achava-se n'esta occasião na cidade de Perugia, e para alli partiu Francisco no dia seguinte.

O servo de Deus contou-lhe o caso e lhe pede a indulgencia.

O Santo Padre disse:

«Francisco, pedis uma cousa grande e inteiramente contra o costume.»

Responden Francisco:

«Santo Padre, não vol-o peço em meu nome, mas em nome de Jesus Christo que me enviou.»

Tornou-lhe logo o Pontifice:

«Faça-se segundo o vosso desejo: essa indulgencia será para todos os annos perpetuamente, mas só por um dia.»

Dois annos depois, dignou-se Nosso Senhor mesino designar o dia em que se devia lucrar aquella extraordinaria indulgencia.

Elle mesmo disse a Francisco:

«Será desde a noite do dia em que o Apostolo S. Pedro se viu solto das suas cadeias até á noite do dia seguinte.»

E os coros de anjos cantaram o *Te-Deum*.

Francisco partiu para Roma, e um milagre estrondoso confirmou a indulgencia no dia indicado.

Este dia é o 2 de agosto, contado desde as vespervas do antecedente, em que a Egreja celebrar as Cadeias de S. Pedro.

S. Francisco não quiz que esta singular e privilegiada indulgencia fosse authenticada com um diploma pontificio: por muitos seculos tem existido confirmada por oraculo de viva voz, por Martinho IV, Bonifacio IX, Paulo III: S. Pio V e outros Pontifices.

Honorio III quiz, com effeito dar a Francisco um documento d'esta indulgencia; mas o santo homem recusou dizendo:

«Basta, Senhor Papa, a vossa palavra. Pois, se é obra de Deus, elle mesmo a dará a conhecer. Eu não pretendo outro instrumento ou diploma, porque a carta d'este breve será á Santissima Virgem, notario o mesmo Jesus Christo, e testemunhas os seus anjos.»

Esta indulgencia, que ao principio só se lucrava na egreja de *Santa Maria dos Anjos*, em Assis, foi extendida por alguns Pontifices a todas as egrejas dos frades menores, existentes em todo o mundo catholico.

Todas as populações de Italia e numerosos peregrinos de todas as partes da Europa e do mundo acodem no dia 2 de agosto, a ganhar aquella grande indulgencia em Assis.

E alguns annos tem chegado a vinte e quatro mil o numero de romeiros que vão assistir áquella festa de misericordia e graça.

Apenas o sino do convento dá signal de que o dia do perdão se abriu no ceo e na terra, os religiosos de S. Francisco desfilam em procissão pelo caminho de Assis; segue o Bispo com clero, e em seguida caminham todos os personagens ecclesiasticos e os magistrados.

As portas da sumptuosa Basilica de *Santa Maria dos Anjos* (a antiga *Porciuncula*) são abertas com cerimonia,

e o povo se precipita alli com um delirio que se não pôde traçar no papel.

Tudo são invocações, cantos e lagrimas; cada uma festininha, a seu modo, a Maria, Rainha dos anjos e dos homens, o seu respeito e a sua gratidão.

Tal é o grandioso espectaculo que offerece aquelle sanctuario de Assis, pasmoso pela visão de S. Francisco, e pela indulgencia que lhe foi concedida: indulgencia que com o nome de *Porciuncula* é o maior cumulo de graças e de favores divinos.

O facto maravilhoso, que acabamos de relatar, pôde, sem duvida, excitar o riso e o dô dos incredulos; mas consola e alegra o coração dos filhos de Deus.

A intelligencia abre se instinctivamente á fé e o coração á esperança ao contemplar se o famoso templo da *Porciuncula*, que antigamente reunia em torno de si milhares de peregrinos por occasião do jubileu, e que ainda hoje attrahe annualmente numerosos romeiros pelo mesmo motivo.

A *Porciuncula* foi o nucleo da famosa congregação que fundou o grande patriarcha de Assis; esse asylo de paz, onde se abrigaram a sciencia, o amor, a fé, tudo o que consola e regenera a humanidade.

Espanta e assombra a historia da *Porciuncula* que deixamos enunciada, e que referem todos os catholicos, e cujo effeito pratico ainda hoje se sente!

Mas não foi Francisco um santo portentoso?

«Verdadeiro Christo da idade media, diz um auctor moderno, todo fé, todo bondade, todo docura; eloquente, como um tribuno de Athenas; fogoso, como um propheta hebreu; austero como um cenobita da Thebaida; modelo de virtudes excessivas e de caridade ardente, dotado de intuições sobrenaturaes e singular nos annaes christãos, cuja vida foi um holocausto, cuja morte foi uma transfiguração.»

Não sabem que o Papa Gregorio IX que canonisou Francisco dois annos depois da sua morte, disse d'elle o seguinte:

«Brillou no templo de Deus, como a estrella no meio de nuvens, como a lua em todo o seu brilho, como o sol em todo o seu esplendor.»

A *Porciuncula*, pois, nada tem de estranho aos olhos da fé e da razão.

Mas não deixa de ser um facto extraordinario, uma das grandes glorias que só possui a Egreja Catholica.

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

## SECÇÃO CRITICA

## Considerações

**C**REAMOS, que a Divina Presença está em toda a parte e que em todo o lugar os olhos do Senhor vêem os bons e os maus. S. Bento.

Este pensamento vivo nos homens conserva estes firmes na justiça, e fará entrar no caminho recto os transviados de esta!

Em 1848 disse Pellegrino Rossi, homem que foi mui conhecido: «O Papado é *l'unica grandeza vivente dell'Italia nostral*—a unica grandeza vivente da nossa Italia.» A *Revolução* tem procura-lo abater aquella *Grandeza* e exaltou-se *ella* *Revolução*; mas o que vemos? o Papado em *augmento moral*, e a *Revolução* a crescer na *iniquidade*; e sendo realmente assim é *evidente* onde está a *Grandeza*, e como esta é inseparavel do Papado. Deus exalta os humildes, e depôz os soberbos, e a *Revolução* é toda de uma *familia* é *molêlo* soberbos.

A *Riforma*, periodico da *Revolução* e que se publica em Roma á sombra da *invasão* doia-se toda *dinon vedere coll'influenza morale del Papato cresciuta anche quella dell'Italia*—por não vêr com a influencia moral do Papado crescida tambem a da Italia e a Italia no dizer da *Riforma* significa a *Revolução* na Peninsula italiana; o citado jornal confessa: que a influencia moral do Papado tem crescido, e a da *Sua Italia* não; é porque o Papado é do Céu, e a *Revolução* é do Inferno!

Ha quem diga os bons escriptos são tempo perdido para obter resultados bons! isto não é assim, e é erro gravissimo avançar uma tal proposição! Os escriptos rectos são proficuos para corroborar os bons, e chamar á rectidão os *desviados*, embora nós conheçamos ou não a devida *conlascença* de estes. Diz-nos o Santo Evangelho: «Que da boa semente lançada uma parte fructifera, outra morre entre as pedras, e outra é levada pelos passaros» ora se Deus assim o conhecia o nem por isto deixou de dizer a todos a Santa Doutrina, como é que poderíamos nós no finito de nós—mesmos deixar de seguir o Santissimo Exemplo? Se ás vezes os resultados benéficos da boa imprensa são rapidos, n'outras vezes são demora-los em vir; e má imprensa tem obtido mais resultado nefasto por isso que desgraçadamente conta ella uma desgraçada diuturnidade, e de aqui se tira tambem argumento para que os bons escriptos não cessem; e não nos diz

*Isaias*, inspirado por Deus: *Clama, ne cesses*—clama incessantemente? O dever imposto por Deus, a obrigação dos escriptores são é escrever sãmente sem calcular sobre os resultados obtendo que ao Mesmo Deus *abandonam* os que escrevem em *Seu Nome*!

Ninguem se inquiete: como, quando e por quem Deus fará triumphar a Sua Causa! uma só inquietação devemos ter, e esta deve consistir em não *descançar* em fazer da nossa parte o que nos cumpre para que venha *aquelle Triumpho* e chegue depressa, *abandonando-nos* tambem ás Vistas Divinas!

O grande Boaventura «Santo o Sabio» dizia: «que tinha aprendido mais na *oração* do que nos *livros*» Pa-recerá isto estranho aos que não *oram*, mas é certo que a *oração* pôde dar mais e muito mais que os *livros* e até *aquelle* pôde obter tudo! E S. Francisco de Sales diz: «Que ao pregar a Doutrina de Deus não se lembrava ou sujeitava ás regras dos professores humanas; falava o Santo—*ex abundantia cordis*» e que *Escriptos* deixou este Santo Bispo de Genebra! Na *oração* é Deus o nosso Auxilio, o nosso Guia e o Nosso Mestre. Onde falta a *oraçã* tudo falta, e como o *reino de Italia* não *ora* nem pôde *orar* por isto *tudo lhe foge*, que levou um escriptor italiano a dizer. «Talvez nos Annos italianos não se encontre uma pagina que recorde tantas misérias, tantas vergonhas, tanta inaptidão e impotencia quanto na historia hodierna do Reino italico. Nunca antes uma tão desolante escacez de homens e escriptores, um descobrimento mais pungente das sciencias, das artes e da politica. Se restam na Peninsula italiana reliquias de honra e razão de conforto, é entre os homens da Igreja e em especie no Papa.» O escriptor, que assim se expressa, é homem notavel e em especial competente; sabe bem o que diz. O Papa representa Jesu-Christo; Jesu-Christo é o auctor e o consummador da fé, é o guarda da Igreja por disposição do Padre Eterno; e tendo o Divino Redemptor e instituido Seu Vigario na Terra S. Pedro e Seus Successores, segue-se que o Papado será sempre a maior Grandeza na Terra e toda presa com o céu! e por consequencia o Papado conservará sempre sua incomparavel Grandeza, embora as maiores perseguições de que seja objecto por parte dos inimigos da Justiça; estes *poderão* impiamente atacar por meios materiaes e *materializados* a Grandeza *accidental* do Papado, porém não poderão *nem tocar* na grandeza essencial do Papado, e assim o estamos vendo na lucta da

*Maçonaria-Revolução* contra a Santa Egreja.

Para que os que ignorava ou fingem ignorar a sapiencia e prudencia com que sempre opera a Egreja de Deus, vamos-lhes dar uma prova toda do momento. Não só está *introduzida a Causa* mas está correndo o *Processo* do Veneravel Servo de Deus *Alexandre Luzzado* para que a este se possa render *Culto Publico* pela sua *Beatificação*. A este respeito tinha-se suscitado uma duvida, esta foi pelos tão auctorizados meios competentes estudada e destruida, e Sua Santidade Leão XIII confirmou, por Decreto de 15 de Dezembro de 1885, este conceito dos Pontificiamente encarregados de aquelle exame. Em 16 de janeiro de 1886 já o *Processo de Beatificação* do Veneravel Alexandre Luzzado estava em *tres mil paginas*, o que bem demonstra o quanto miuda e acuradamente são tractadas as *Causas*, os meritos de Aquelles a quem o Vigario de Christo Decreta o *culto*! A *Revolução*, embora seus atrevimentos e profanações, busca *arramedar* a Egreja de Deus, e ao passo que se revolta contra o *culto* prestados aos «Santos» forma ao mesmo tempo um *alendario dos seus homens*, aos quaes não se atreve a chamar Santos mas apresenta-os como *justos* e determina que todos assim os venorem; está n'este *alendario* Voltaire, Rousseau, Luthero, Calvino, Oluss, Mazzini, Garibaldi, e outros que guerreavam o Papado, que perseguiram a Roma Pontificia, que se tornaram celebres na historia nefasta da *Rebellião*; tambem a *Maçonaria* não quer *Mitras*, mas nem por isto deixa de *mitrar* seus adeptos. Quando se sahe do *justo* cahese no *injusto* e no *ridiculo* vêm-ol-o assim em todas as observações da verdade; esta não admitta *liga* com o erro, como este por mais que faça ficará sempre *só erro*, e o *erro só*!

D. Antonio de Almeida.



## Ainda os missionarios em Barcellos

**H**A perto de dois mezos que um individuo de Encourados me referiu o seguinte:—«Os pasquins, que a irreligiosidade de Barcellos espalhou em Encourados, desappareceram. Que eu saiba, não ha nenhum na freguezia. Rasgaram-se uns, e queimaram-se outros».

Ora ahi tem o *pasquinciro* barcelense uma talhadinha de marmelada para lhe *adocar* a guela no fim do jantar d'hoje. Bem sei que o «*nefante*» rabiscador faz *curas feias* ao dar com

a lingua em *docuras* tão *amargas*. Mas que quer? Va-as mastigando e engulindo, embora lhe custe. Engula.... engula, homemsinho, *passa para baixo*. Estas marmeladas fazem-lhe muito bem; são *medicamentos efficazes* para debellar a enfermidade que o afflige.

Foram, pois, *mui grandes e saborosos* os fructos produzidos pela arvore *pasquinatoria!!* Foram *admirabilissimos!!!*

O rabiscador *carregou bem* a espingarda republicana; *lá isso carregou*. Mas que? Gastou *polvora e bala*, e o resultado foi—zero! Em Martim, como os leitores já sabem, a *pasquinada morreu* no mesmo dia em que lá foi introduzida; em Encourados, pouco mais tempo teve de vida! (1) Que infortunio!! Que desdita!!

Os de Martim e Encourados lá irão para onde paguem um tal ultrage ao *pasquineiro*. Rasgar, reduzir a pó obra tão *bella e elegante*, é offensa que não pôde ficar impune.

E como o *pasquineiro* é homem *civilisado*, cercado de *lanternas*, eu vou cumprir um dever de civilidade para com elle. Peço-lhe desculpa de demorar tanto tempo a noticia que ahí fica. Peço-lhe tambem que a aponte na sua

(1) E' verdade queimar-se e rasgar-se toda a pasquinada em Encourados. Para provar isso apresento o seguinte facto: —Uma pessoa d'aquella freguezia, por ordem do meu amigo que recebeu alguns exemplares do pasquim e me enviou o que possuia, veio a minha casa para saber se eu ainda tinha a pasquinada, e se lh'a podia devolver. Ha dois (mezes ou mais) que isto aconteceu. (Não sei ainda para que o meu amigo desejava a pasquinada. Queria tambem guardal-a para que a posteridade tivesse conhecimento das *luzes* e do *progresso* de Barcellos, no seculo dezanove?) Ora já se vê que, se existisse por lá algum pasquim, o meu amigo não mandaria a tão longe procural-o.

A' pessoa que fallou conmigo, expuz as razões porque ella não podia levar a pasquinada. Na verdade; como podia eu dar o pasquim, se precisava d'elle e o tinha grudado ao «Tirocinio»? Se o meu bom amigo, assignante do «Progresso Catholico», quizer possuir a pasquinada, deixe-me acabar a publicação d'ella aqui, e depois, ainda a appetecer, remetter-lh'a-hei, mas sem a margem esquerda, porque essa acha-se grudada á margem do «Tirocinio», e, sem a rasgar, nada se faz. Falto assim ao que disse na pagina 162, mas que importa? O monumento que a fallecida «Ideia Nova» de Barcellos levantou para attestar aos vindouros as *luzes* e o *progresso* da epocha actual, fica aqui

*carteira*, para que nunca lhe esqueça o que fizeram os de Encourados. (2).

A noticia não foi antes porque, não obstante morrer a «Ideia Nova», haviam por cá, como viu, muitas ideias (novas e velhas) que se apressaram a occupar a dianteira. Desculpe-me, pois, e

«cesse tudo o que a musa antiga canta» para irmos ao mais.

Se bem me recordo, prometti, no artigo anterior, dizer ao *pasquineiro* que os missionarios são necessarios não só nas nossas provincias d'além-mar, mas tambem aqui, n'este cantinho da Europa. Ora não sou eu que lh'o vou dizer: outro lhe cozinhou um caldinho muito bem temperado. E o leitor do «Primeiro de Janeiro», por ver o caldo tão appetitoso, offerece-o ao «*nefando*» rabiscador, porque tem a certeza de que o vai *satisfazer completamente*.

Ora beba, e não se escale:

«E' doutrina e pratica universal da Igreja Catholica que além da missão ordinaria dos parochos haja de vez em quando alguma missão extraordinaria; e Santo Alfonso Maria de Ligorio, Doutor da Igreja, ensina e exhorta, que ao menos dez ou cinco annos os pastores chamem a missão para a sua freguezia; e diz que os que aborrecem estas praticas dão mau signal do si e da sua fé, e seguem uma proposição condemnada pela Igreja. E' bom pretexto allegar a civilisação dos povos, porque só a missão catholica dá a verdadeira civilisação, sem a qual a civilisação mundana é uma chimera, como a experiencia mostra: dislate é o dizer que só é necessaria para a Africa, porque suppõe que para se salvar só é necessario o baptismo: porém esta supposição é falsa, pois para os adultos requer-se alguma coisa mais, isto é; fazer boas obras—*files sine operibus mortua est*—logo a missão é necessaria em toda a parte e em todo o tempo, quer seja para implantar a fé, quer para a conservar e augmentar, quer para sacudir os peccadros do somno do peccado, da tibieza o indifferença, com meios efficazes e poderosos, como acontece pelas missões». (3)

hem argamassado. Mas parece-me que o meu amigo do Encourados, depois de ver aqui publicado todo o pasquim, ficará satisfeito, e não o quererá.

(2) O *pasquineiro*, para *causticar* tambem os de Encourados e Martim, havia de fazer o seguinte: —*carregal-os* com nova edição da pasquinada. Se o faz, pôde-se-lhe chamar *homem d'uma cana*. Mãos á obra, ó *pasquineiro*.

(3) «Progresso Catholico», vol. II, pag. 138.

Então, sr. *pasquineiro*, gostou ou não do caldinho?

—*gostei*, sim senhor.

—*Estava bom, hein?*

—*Oh! tão bom....*

—*Serve-lhe a carapuça, não é verdade?*

—*Sim, senhor.*

Estimo isso; é para ver como sou *amigo*.

Note, porém, uma cousa o rabiscador:—Santo Alfonso Maria de Ligorio exhorta a todos os parochos a que chamem missionarios de cinco em cinco annos. Se o Santo Doutor escrevesse hoje e tivesse conhecimento do estado lastimosissimo em que Barcellos se encontra acrescentaria:—excepto a villa de Barcellos, em Portugal, porque lá são precisos missionarios todos os annos. (4)

E como todos os missionarios catholicos annunciam o mesmo Evangelho, as mesmas verdades, a palavra de Jesus, e como com a palavra de Jesus «é que se revirou a natureza, se transfigurou a consciencia, se refundiu a justiça, se embeberçou a caridade, se fabricou a esmola, se brazeou a virtude, se rindilhou o merecimento, se engrinaldou o progresso, se polimentou e civilisou o mundo» (assim o disse, ha pouco, o sr. conego Alves Mendes (5)), segue-se que todos elles, pregando a palavra de Jesus, prestam os seus serviços ao progresso, á civilisação, etc., etc. Ora quem presta os seus

(4) Veja-se a nota (2) da pag. 161.

(5) «Homenagem ao Sagrado Coração de Jesus pela Archidiocese de Braga», pag. 20.

Note-se aqui uma coisa: O sr. conego Alves Mendes foi, não ha muito, elogiado por um jornal impio na «Folha Nova». Este jornal dedicou-lhe um dos seus numeros. (\*) E quem é que escreve em jornaes impios? São os liberaes de marca grande são os *liberalões*. Sabem, porém, os leitores o que fez o sr. conego Alves Mendes? Traçou duas lettras ao sujeito que o *honrou e enalteceu*, chamou-lhe—«*illustre amigo*», e beijou-lhe «*silenciosamente*» a «*generosa mão amiga*».

Ora isto é indicio de que o sr. conego não só tem a côr das meias, mas ainda a côr liberal. O *pasquineiro* vê-

(\*) Não é só a impia «Folha Nova» que elogia e gosta do sr. conego Alves Mendes. O «Sorvete», tambem jornal impio e de caricaturas, apresentou, no seu numero 420, o retrato do sr. conego, e chama ao sr. Alves Mendes—«*sublime orador*». O «Sorvete» não mentiu, mas tal incenso cheira muito mal por causa do thuribulario (ou «Sorvete»),

serviços á civilisação, ao progresso, etc., no paiz natal, não pôde deixar de ser patriota honrado; logo os missionarios que prégaram em Barcellos, e os que annunciaram a palavra de Jesus em Martim, são «patriotas honrados».

Isto faz suar o rabiscador. Faz ou não faz? Faz, mas..... espere; eu vou dar-lhe um lenço para se limpar. Sabe qual é? Reitero o que disse no artigo anterior:—O pasquineiro chame «patriotas honrados» a quem quizer: não custa nada isso: são duas palavras, pouco mais ou menos. Nunca, porém, o faça, sem se descobrir e dizer:— *com licença dos missionarios «de todas as cores e feitios».*

ficar no tinteiro. Não se pôde acreditar isto. Até se me afigura que o pasquineiro é o que leva, todo tezo e inchado, a bandeira liberal (feita de retalhos de chita de todas as cores) nos *aparatosos prestitos* do liberalismo. E então, uma cousa peço euecrecidamente ao «bandido» pasquineiro:—é que me diga em que bolso tem escondido o seu patriotismo e honradez. E' no bolso do collete ou da *jaqueta*? Vamos: não me occulte o seu patriotismo; mostre-me onde está o seu zelo pela honra e gloria da patria; mostre-me os serviços que tem prestado a este pequeno torrão chamado Portugal. Aponte-m'os: quero vel-os.

Ouçõ, porém, agora uma voz ronfenha e temerosa, a propria voz do rabiscador de Barcellos, que me diz:— **SEB REPUBLICANO ERABISCAR PASQUINS, EIS TODO O MEU PATRIOTISMO E HONRADEZ !!!!!**

Ah! sim? Então escute, homem. Os seus serviços á patria não podem deixar de ser galardoados. Sua Magestade, o Senhor D. Luiz I, Rei de Portugal e dos Algarves, vai mandar *cunhar* uma medalha, mas (oh! que medalha!) uma medalha de sola. D'um lado terá ella a carinha do rabiscador, de bocca aberta, a querer engulir um torno, quero dizer, um throno; do outro lado



S. BOAVENTURA NOS BRACOS DE S. FRANCISCO

E visto que o pasquineiro berra pelas «liberaes de todas as cores», e lhes chama — *patriotas honrados*, é certo que elle é tambem *patriota honrado*. Sim: não é crível que o homem *brandisse o aço da penna*, gastasse papel, tempo e tinta, adoçando a boccaça dos «liberaes de todas as cores» com as palavras—«*patriotas honrados*»—e a pessoa liberal d'elle, essa tão *bella* pessoa,

se, pois, em talas, e parece-me que, quando o sur. conego Alves Mendes fôr outro anno, a Barcellos, prégam na festividade das Cruzes, (\*\*) antes de subir ao pulpito, receberá esta advertencia do rabiscador:— O sur. conego estudou o sermão? Veja o que vai fazer e dizer. Se sobe ao pulpito para

annunciar o Evangelho, para dizer que pela palavra do Verbo incarnado «é que se revirou a natureza..... se engrinaldou o progresso, se polimentou e civilisou o mundo», ou outras coisas semelhantes, não sae *direito* de Barcellos; em vez de festa temos festas. E sabe porquê? Porque a bocca d'um liberal não deve abrir-se para publicar essas coisas. Sabe mais porquê? Porque eu berrei, em 1886, pelos «liberaes de todas as cores» para *brandirem o aço das pennas e o gume das espaldas* contra os que, como o sur. conego, prégam o Evangelho a palavra do Verbo incarnado, e o sur. conego, sendo liberal, nada fez. Por isso.....

(\*\*) O sur. conego Alves Mendes

ler-se-ha em letras *muito grandes*:— *honra ao merito.*

Vá o pasquineiro preparando a casaca para, em dia de festa republicana, mostrar a *rica* medalha. Esta brevemente a receberá. Ser-lhe-ha remettida pelo *filastico* que mora perto da sola.

Um leitor do «Primeiro de Janeiro»

tem prégado em Barcellos, na referida festividade, mais do que uma vez. O Janeiro deu-me a noticia de que o sur. conego ainda este anno lá prégou.

## SECÇÃO LITTERARIA

## O dia de amanhã

Jamais se turbe a paz com o assomar escuro do dia que inda envolve a dobra do futuro. E' dia só p'ra Deus. A sombra prescrutar-lhe a nós nos é defeso, e a fimbria desviar-lhe ao véo que talvez guarde em onda a luz mais pura.

Ninguem dizer-nos pode o gozo ou desventura

que iremos defrontar do somno ao resurgir. Crime será talvez, que Deus haja a punir, crime que fundamenta espinho n'alma en-crave,

andarmos, desde já, como agoirenta ave, carpindo do amanhã a incerta perspectiva. Olhai: sempre a sorrir, alegre, affavel, viva, a debil creancinha. O sópro do desgosto não vinca nem de leve aquelle ameno rosto, e quando lhe arfu o seio, em brando entume-

cer, não é de lucto ou magua, é d'intimo prazer. E' sim; porque jamais despontam n'aquel-l'alma inuteis apprehensões a perturbar-lhe a calma,

e a fronte angelical, de placidez banhada é céo da primavera a rir na madrugada. Ah! Deus, o affavel Deus que a creancinha

alegra, produz á rola os grãos, a veste dos lírios regra,

o Deus que a todos vê com paternal affago, de alhor um raio puro, um raio ethereo, mago, difunde a cada instante em tua breve estrada. Jamais te inquietes pois! De frente alevantada caminha sem temer assaltos ou desvios, sem medo, na floresta, aos dédalos sombrios... caminha, afoito e ledto! Além te aguarda em frente

alfombra delectosa, oasis viridente, manancial sem fim de edenica delicia!...

O olhar de Deus é luz. Se temes a impericia com que depões o pé na via meandrosa, como ao sorrir do sol no val' procura a rosa procura o olhar de Deus, procura-lhe o fulgir. Seguro ha de levar-te aos atrios do porvir, como a teu rosto leva o olor do rosmaninho, a nau a quieta praia, a corsa ao patrio ninho, a tenue gotta d'agua, aljofar transparente, dos ambitos da terra ás urnas da nascente, como a Jonas levou aos lares ninivinos, e guia pelo azul os astros diamantinos.

Tem fé, tem fé em Deus! Jamais temo illu-dir-me:

—a fé é facho ardente, a fé é leme firme, norteando-te o baixel, á flor dos vagalhões, librado na cerviz dos horridos tufões: — E rumo feito aonde? ao porto afortunado

porque suspira, em ancia, um peito já cançado...  
ao porto, onde, em mansões de sempiterno al-vor  
demora a paz, o gozo, a vida, o bem, o amor!

.....  
Tem fé, sim, fé em Deus! E o aspecto do futuro, embora ás vezes não, jamais te infunda medo, que Deus contem no olhar o mystico segredo de illuminar-lhe o escuro.

M. F.

## GRACIA

## OU A CHRISTÃ DO JAPÃO

## CAPITULO XV

## A Conversão

(Continuado de pag. 163)

**G**RACIA sentiu n'este momento desaparecer como por encanto todas suas duvidas e vacillações e estreitando ao peito a cruz que Mirka trazia, exclamou com fervor:

— Senhor meu Jesus Christo, creio em Vossa Divindade; amo-Vos, e do Vosso poder infinito espero que concedais a saude a minha filha. Prometto-Vos, se conseguir esta graça, fazer-me christã, receber o Baptismo e affrontar a morte e quantos trabalhos me enviardes para sustentar Vossa Fé.

Muito bem, disse Mirka; parece-me, porém, que deverias prometter baptisar tambem tua filha; porque o bem que desejas para ti, é muito justo que o desejes para ella.

— Oh! sim, sim! exclamou a princeza; prometto baptisar minha filha e consagrar minha vida á conversão de meu marido.

N'aquella mesma tarde a menina começou a melhorar. Dentro de tres dias estava livre de perigo. Os medicos chamados de novo, ficaram maravilhados d'aquella mudança tão inesperada, e perguntaram o motivo.

Responderam-lhes, que nenhum remedio lhe haviam administrado, e se ausentaram satisfeitos, apregoando que a natureza tem taes caprichos, que ás vezes faz passar da morte á vida sem difficuldade alguma.

Gracia, porém, que conhecia o porquê d'aquelle phenomeno apressou-se, logo que a menina começou a sentir melhoras, que foi em meados de julho, a ir uma noite á igreja christã e a dizer ao Padre Cespedes:

— Contae-me entre o numero das catechumenas: a graça de Deus triumphou em minha alma, e quero ser baptisada quanto antes.

— Bemdito seja Deus, exclamou o Padre: que grande gloria e triumpho não é para a igreja do Japão contar com uma ovelha como vós!

Gracia, ainda temerosa, não quiz que suas mesmas creadas christãs soubessem sua resolução, emquanto que não se effectuasse o baptismo: e para não revelar o segredo e obstar a que algum idolatra escrevesse a Jecundoño inteirando-o do que se passava, continuou sabindo, por conselho do Padre disfarçada e em companhia de Mirka, porque das entradas e salidas d'esta já ninguem se importava.

A princeza preparou-se para o baptismo com grande fervor e anciedade. Determinou-se que a cerimonia tivesse logar no dia 13 d'agosto, dia d'Assumpção da Santissima Virgem, e os poucos christãos, que d'ella tinham noticia, aguardavam impacientes, seu advento. O Padre Cespedes e o irmão Vicente rejubilavam-se antecipadamente com o successo e Mirka dizia que no mundo não podia fruir felicidade maior, que a de vér Gracia baptisada.

Resolveram, attenta a especialissima mercê, que Nosso Senhor lhe fazia por intercessão de Sua Divina Mãe, collocar a sob Seus auspicios e patrocinio, dando-lhe o nome de Maria da Graça em substituição d'aquelle que, referindo-se a sua belleza, lhe haviam dado seus paes.

Antes, porém, que purpureasse a aurora d'aquelle dia, que todos esperavam ser de jubilo, entenebreceu-se o horisonte e anteciparam-se os da desolação e do luto.

Em principios d'agosto começou a espalhar-se pela christandade d'Osaka o rumor de que Faxiba, enfatiado e aborrecido dos christãos, os havia proscripto do imperio. Como escasseavam noticias certas, estes rumores augmentaram a confusão, porque emquanto uns se empenhavam em sustentar que eram invenções dos idolatras, exaggeravam outros a verdade, e teimavam e insistiam, que se havia decretado uma perseguição geral.

O Padre Cespedes procurou calmar os animos e tranquillisar a todos, certificando-lhes, que não havia tido participação alguma do seu Superior, e que por conseguinte todos os rumores deviam ser falsos e infundados.

Nunca a Igreja do Japão havia estado tão prospera; nunca as conversões haviam sido tão numerosas; nem nunca havia dado o Regente tantas provas e demonstrações de apreço e estima aos christãos como no mez anterior. Como era crível, que tão repentinamente e sem motivo algum conhecido mudasse a situação?

Os que assim arrazoavam desco-nheciam e ignoravam o que se havia

passado entre Faxiba e Jacuin Tokun.

Em breve, todavia, souberam que eram verdadeiros e bem fundados os rumores, porque o Padre Cespedes recebeu do seu Superior, o Padre Coelho, ordem expressa de fechar a igreja, entregar o Seminario d'Osaka e marchar sem demora para o porto de Firando, para reunir-se aos seus companheiros e tomar o caminho do desterro.

Com a alma alanceada pela dôr, que lhe causava o separar-se n'aquella occasião critica do seu querido rebanho, o Padre Cespedes apressou-se em obedecer. Preferia antes ficar para derramar seu sangue pela salvação de seus filhos, pois longe de amedrontal-o, desejava e appetecia o martyrio, mas como verdadeiro filho de Santo Ignacio, ordenavam-lhe uma cousa que o contrariava tanto como era a fuga, e elle sem murmurar nem resistir, promptamente obedecia e fugia.

Nem mesmo os idolatras lhe deram tempo para pensar, porque mal acabava de ler a carta do Padre Coelho, se lhe apresentou o Governador de Osaka com uma ordem do Regente para lhe entregar a igreja, o Seminario e todos os edificios religiosos.

Todos os christãos já estavam muito ao facto do que se passava, e sollicitos e ofanosos corriam ao templo, tristes e silenciosos uns, exaltados e como horrorisados outros, todos, porém, resolutos e animosos.

A idea do martyrio parecia que os estimulava; a nova da perseguição tomava cada vez mais incremento e vulto e muitos se felicitavam e se davam os parabens por poder sellar com seu sangue a fé, que haviam recebido e que tão ardentemente guardavam.

Quando se certificaram, porém, que não era do martyrio que se tratava, mas de prival-os de seus pastores e de seus templos, um grito de indignação irrompeu estridente de todos os peitos, e ao entusiasmo religioso succedeu immensa e profundissima tristeza.

Os homens mais corajosos e ousados dispunham-se a apoderar-se da Igreja, a fechar se dentro d'ella e defendel-a sem tregua contra os soldados de Faxiba enquanto que as mulheres choravam e rodeavam soltas as tranças e com as vestes em desalinho o Padre Cespedes e demais religiosos, querendo, trabalhando e forcejando, com esforço sobrehumano, por formar com seus corpos uma muralha ou barreira, que os separasse e afastasse e livrasse da sanha dos idolatras.

Uma palavra imprudente, um successo qualquer podia occasionar n'aquellas circumstancias uma catastrophe; e o Padre Cespedes, que conheceu perfeitamente tudo isto, pediu ao Governador

licença para dirigir a palavra aos fieis e tranquillisal-os, o que a muito custo conseguiu, inculcando a todos a obediencia, e exortando-os a confiar na Providencia Divina que não os abandonaria.

N'este comenos Maria Mirka acercou-se do Padre e disse-lhe em voz baixa:

—A princeza deseja ser baptisada para correr o mesmo risco de seus irmãos.

—Se não puder ser no dia designado por embaraço ou impossibilidade minha, baptisae-a vós mesmo em sua casa, disse o Padre, e com a maior serenidade continuou conversando com o Governador, que o acompanhava, o qual estava verdadeiramente maravilhado da docilidade que haviam mostrado os christãos não menos que da actitude do Padre Cespedes. Nem este havia soltado uma queixa, nem evidenciado a menor impaciencia pelos tratos de que elle e os seus eram alvo; nem os demais haviam tentado resistir nem sub-elevar-se depois que o Padre lhes ordenou que estivessem socegados e tranquilllos.

(Continua).

Versão do padre Lima.

## SECÇÃO ILLUSTRADA

### I

#### O Padre Affonso de Ratisbona

**H**ONRANDO hoje as paginas do «Progresso Catholico» com o retrato do Padre Ratisbona, prestamos devida homenagem a esse espirito que por muito tempo vivera afastado do verdadeiro caminho, mas que alfin, tocado pela graça, abriu os olhos á luz da verdade e da fé, abandonara os erros da seita a que pertencia, refutara-os, e se dedicara ao trabalho pela Religião do Progresso, pela Religião da liberdade, pela Religião do amor e da caridade.

O Padre Ratisbona abjurando os erros passados, e entrando no gremio da Igreja Catholica, é uma affirmacão de que tudo que ha de grande e respeitavel por seu saber nas diversas seitas dissidentes entra mais cedo ou mais tarde no aprisco de Pedro; assim como a retirada de certos *padres* d'este santo aprisco é a affirmacão de que a Igreja regeita todas as nullidades, dispensa todos os criminosos, e os deixa ir ocupar o lugar que tem deixado as eminencias que lá estavam deslucadas, para mostrar que só os

homens sem virtude, que só a devassidão tem guarida onde a luz falta, onde a fé se desconhece.

### II

#### S. Boaventura nos braços de S. Francisco

Hontem festejou a Igreja este Santo e por isso damos em gravura uma das scenas mais tocantes da sua vida, um dos muitos milagres que o Santo Patriarcha d'Assis operou pela divina graça de que estava revestido.

Na idade de quatro annos foi o sabio doutor da Igreja atacado da horrível molestia, que em risco lhe poz a vida. Sua boa mãe encommendou o filho ás orações de S. Francisco, que, com outros companheiros acabava de fundar a Ordem Franciscana, e era muito amigo d'aquella familia. O Pobre d'Assis, esse astro refulgente que espancou com seus milagres e com suas obras e virtudes as trevas da Edade Media, visitou o pequeno doente, tomou-o nos braços, diante de toda a familia, como a nossa gravura o representa, e exclamou:—*Oh bona ventura!* restituindo-o á mãe com perfeita saude!

E assim se ficou chamando o menino *Bonaventura*, que chegou a ser um dos luminares mais formosos da Ordem de que recebeu o habito, chegando a ser Geral da mesma Ordem aos 35 annos, e pouco depois cardeal.

S. Boaventura era de uma humildade a toda a prova, e sempre, mesmo quando exercendo os altos cargos da Ordem, se occupou nos mysteres mais humildes do convento, de que damos uma prova com o seguinte facto: Quando o Papa lhe enviou o chapeu cardinalicio, encontrou-o o Legado Pontificio na cosinha do convento, esfregando os pratos, e só quando o santo teve concluido o seu trabalho, é que accitou o presente do Santo Padre.

Parecerá estranho este facto aos que não conhecem a Ordem franciscana, ou não sabem ser franciscanos; não é para nós estranho o que acabamos de narrar, porque já presenciamos um facto igual, em pleno seculo desenove, n'uma das cidades de Portugal.

Havia festa n'uma das casas onde vivem as Irmãs Hospitaleiras, filhas do Santo Patriarcha, e todas as Irmãs estavam na igreja, assistindo á festa, excepto uma, a Superiora da casa. Querem saber os leitores onde a encontraram? Na cosinha, occupada no ultimo dos trabalhos da comonidade e dos pobres doentes.

Não uos admira, pois, que o Santo

Doutor, que esse astro que ainda hoje brilha em meio da sciencia e da litteratura, se occupasse nos humildes mysteres da cosinha, e não nos admira, por que conhecemos os verdadeiros filhos de S. Francisco d'Assis, d'entre os quacs se levantam em Portugal os vultos gigantes das Irmãs Hospitaleiras.

E conhecemos tambem, infelizmente, outros franciscanos, que comem a *sopa do convento*, e de quem se diz á bocca cheia, que nem á missa assistem.

Mas, graças a Deus, as excepções não fazem a regra.

Concluamos dizendo que S. Boaventura nasceu em 1221 e falleceu em 1274.

R.

## SECÇÃO NECROLOGICA



**M**AIS dois nomes riscados do n.º dos vivos, mais dois nomes cobertos de lucto no livro dos assignantes do *Progresso Catholico*, mais duas cruzes erguidas, mais duas povoações contristadas.

A Exc.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Jeronyma Theresza de Alpoim, de Ponte do Lima já não existe. Era assignante e amiga da nossa Revista, e dizem-nos amiga dos pobresinhos da sua terra que agora, como nós, choram a perda de quem tanto lhes queria.

Na Povoia de Varzim falleceu tambem o Rev.<sup>mo</sup> P.<sup>o</sup> João dos Santos Soares, assignante tambem do *Progresso Catholico* e um dos mais dedicados trabalhadores na vinha do Senhor. Muito lhe deve a Povoia e a Religião, e por isso muita falta faz áquella villa, que hoje prantea a falta de tão piedoso sacordote.

Pranteemos nós tambem a morte d'estes nossos irmãos, e de joelhos offerremos-lhe nossas orações, para que suas almas, na Bemaventurança se lembrem de nós, que tanto carecemos dos dons do céu para supportar as agruras da vida.

Oremos.

## RETROSPECTO DA QUINZENA

**D**E regresso da visita que fizera á capital do catholicismo, e depois de ter estado em Pariz,

Lourdes, etc. chegou no dia 29 de junho a Lisboa o Em.<sup>mo</sup> Sr. Cardeal Patriarcha, ficando nos Olivaeas, para fazer a sua entrada solemne na capital no dia seguinte, como realizou. S. Em.<sup>a</sup> foi acompanhado á Sé Patriarchal onde se cantou solemne *Te-Deum*, por todas as altas dignidades ecclesiasticas, por todo o clero, e pessoas importantes da corte, sendo prestadas, por essa occasião, todas as honras devidas a tão illustre Principe da Igreja.

Louvamos ao Senhor por permittir que a viagem de S. Em.<sup>a</sup> se realisasse sem o menor encommodo, e por tão fausto acontecimento, beijamos reverentes o sagrado anel do Venerando e virtuosissimo Prelado, e abraçamos o nosso respeitavel amigo o Exc.<sup>mo</sup> Desembargador dr. Alfredo Elviro dos Santos, secretario do S. Em.<sup>a</sup>, pela alta gloria que lhe coube de receber as benções de Sua Santidade Leão XIII por mais que uma vez durante a sua estada em Roma.

Estiveram em Guimarães e com a sua visita nos honraram os amigos nossos e da nossa Revista, Exc.<sup>mo</sup> sr. João Novaes Rebello.

Estando nas Caldas de Vizella a uso de banhos, não se esqueceu de visitar-nos o Exc.<sup>mo</sup> Sr. Barão do Calvario, de Penafiel; e fez-nos igualmente uma visita, que não recebemos por não estarmos em casa, o Exc.<sup>mo</sup> Sr. Barão de Valhado, do Porto, que se acha a banhos nas Caldas das Taipas.

Mil agradecimentos pelas visitas e que Deus faça que tirem ambos o fruto desejado dos banhos.

Tambem nos honrou com a sua visita o Rev.<sup>mo</sup> sr. Padre Francisco Xavier de Souza Carneiro, digno Abade de S. Martinho do Campo, em Valongo. S. Rev.<sup>ma</sup> veio assistir ás festas do Santissimo Coração de Jesus, como era de esperar, porque foi elle, com o seu espirito altamente religioso, e com a boa vontade que o anima que fundou, levantou e fez prosperar prodigiosamente a devoção ao Amavel Coração de Jesus, n'esta cidade.

E, já agora, fallemos d'essa festa, ainda que rapidamente porque o tempo é pouco e menos o espaço.

Depois dos piedosos exercicios durante todo o mez, a que assistia numerooso concurso de fieis, principiára no dia 29 um triduo, a que veio presidir e fazer as praticas o Rev.<sup>mo</sup> P.<sup>o</sup> Carlos Gouvêa, o sabio e illustrado Jesuita, que continua aqui a tarefa encetada pelo sempre chorado P.<sup>o</sup> Rademaker.

No dia 2 pela manhã na occasião da missa fizera-se a mais espantosamente

grande communhão que aqui se tem feito, mais numerosa ainda, talvez, que a descripta ha tempos, promovida pelas Filhas de Maria. O vasto templo de S. Domingos era repleto de gente, na sua maior parte, milhares, notando-se entre esta enorme multidão de associadas do Coração de Jesus todas as classes, desde as damas da primeira sociedade, vimaranense, algumas com nomes blasonados, até á creada de servir, aproximando-se todas da sagrada Mesa, onde por espaço de mais de uma hora foi distribuido o Pão Celeste.

Finda a communhão teve lugar a consagração das zeladoras, acto edificantissimo, quadro admiravelmente bello, que se não podia ver do olhos enxutos.

Imagine-se um quadro com milhares de pessoa. por entre as quacs se viam as zeladoras, em numero de 140, com as suas medalhas suspensas de uma fita de seda escarlata segurando todas tochas acesas; na frente uma d'ellas de joelhos aos pés da Imagem do SS. Coração de Jesus, lendo em voz alta o acto da consagração, e no fundo, elevando-se em throno de lumes e flores o Divino Coração entornando a torrentes, torrentes de graças sobre milhares de filhas, prostradas reverentes diante do seu throno magestoso, e terão os leitores uma ideia do que quizeramos descrever-lhe. Pelas onze horas missa a grande instrumental e de tarde sermão, esplendido sermão pelo mesmo Rev.<sup>mo</sup> P.<sup>o</sup> Carlos Gouvêa, *Te-Deum*, e benção do SS. Sacramento.

Nesta occasião é que Guimarães mostrou a sua fé; mais de 5 mil pessoas pejavam o templo! Espantosa, espantosissima concorrência!

Não se esqueça que o altar onde se elevava a Santa Imagem rivalisava com o que descrevemos de N. Senhora de Lourdes, porque n'aquelle como n'este notava se o bom gosto das generalissimas dos exercitos das Filhas de Maria, e das Associadas do Coração de Jesus, em Guimarães, a quem damos mil parabens assim como a todas as pessoas que se empenharam em deslender tantas pompas em honra do SS. Coração de Jesus.

Tambem na freguezia de Pomares, concelho d'Arganil, se festejou o SS. Coração de Jesus, na quinta-feira da Ascensão, como nos comunica um amigo da localidade. Festa brilhante, promovida pelos associados do Coração de Jesus, commungando muitas pessoas e entre ellas 70 creanças, que pela vez primeira tomaram parto no celestial banquete.

Foi orador o Rev.<sup>mo</sup> Abade Agostinho Alves Mascarenhas, que fallou do SS. Coração, como o sabe fazer o

orador verdadeiramente catholico, pelo que mereceu, de certo, o desagrado dos inimigos d'esta santa, sympatica e poetica devoção. Foi numerosa a concorrência de povo das freguezias visinhas.

Louvemos a Deus!

De Vianna do Castello nos communicam tambem que foram pomposas as festas ao SS. Coração de Jesus, na parochial de Monserrate. Houve tríduo, uma solemne communhão geral, missa a grande instrumental, vespers e sermão de tarde, no dia 2 do corrente.

O Rev.<sup>mo</sup> Prior consagrou a freguezia ao SS. Coração, mostrando o seu amor, o seu entusiasmo por um tal acontecimento. Findou a festa com a Benção do SS. Sacramento.

Diz-nos o nosso amigo que é indiscriptível a alegria com que o povo assistiu a tão tocante festividade.

Graças! Graças!

Falleceu ha pouco a ultima freira do convento de Odivellas. em Lisboa, mosteiro antigo e onde procurava refugio á sociedade culta da capital quando ferida pelos desgostos da vida.

Após a morte da veneranda religiosa os aguisz governamentaes foram logo destacados para o real mosteiro, com o fim de inventariar e tomar posse dos bens das religiosas. Estava, pois, extinto o mosteiro de Odivellas! Era mais uma casa de caridade e oração arrastada para o nada pelas ondas revolucionarias!

Mas, o dignissimo Vigario Geral e governador do Patriarchado o Exc.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. D. João Rebello Cardoso de Menezes, Arcebispo de Mitylene, parece sostar ainda na sua queda aquella santa casa, lavrando o seguinte decreto:

«Tendo fallecido no dia quinze de junho do corrente anno a Rev.<sup>ma</sup> Bernardina da Encarnação Corrêa. Abbadessa do Real Mosteiro de S. Dionisio de Odivellas d'este Patriarchado, e sendo urgente prover aquelle cargo; Havemos por bem nomear a soror Carolina Augusta de Castro e Silva, Abbadessa do referido Real Mosteiro de S. Dionisio d'Odivellas por tempo de tres annos, com todos os poderes que tinha a sua antecessora e que são inherentes ao mencionado cargo.

O Rev.<sup>mo</sup> Capellão Confessor, Pupillas e mais pessoas do dito Real Mosteiro, tenham a Rev.<sup>ma</sup> Madre Carolina Augusta de Castro e Silva por sua legitima superiora e lhe obedeçam como tal em tudo que respeitar ao seu cargo.

Este nosso Decreto depois de registado na Camara Patriarchal onde ficará

archivado, seja remettido por copia á Rev.<sup>ma</sup> nomeada, para seu titulo e devidos effeitos, devendo ser lido perante a comunidade.

Dado em o Paço de S. Vicente de Fóra, sob o Nosso Signal e Sello Grande das Armas de Sua Eminencia Reverendissima. aos dezeseite de junho de mil oitocentos e oitenta e seis.

João, Arcebispo de Mitylene.

Logar do  sello.

Registado no livro competente de Camara Patriarchal, Mons. Mattos.»

Bem haja S. Exc.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> que afastou, com este decreto, por algum tempo ao menos, os abutres que esboaçavam já em volta do convento, que julgavam, cadaver.

Um amigo escreve-nos de Vianna do Castello o seguinte, que agradecemos:

«No dia 23 de junho, pelas 11 e <sup>3</sup>/<sub>4</sub> horas da manhã, chegou a esta cidade o Nuncio de Sua Santidade, Monsenhor Vincenzo Vanutelli.

Na estação do caminho de ferro aguardava-o grande numero de povo.

Na gare era S. Exc.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> esperado pelo regimento de infantaria 3, com a respectiva bandeira, toda a officialidade em serviço activo e officiaes reformados—governador civil effectivo e substituto, administrador do concelho, camara municipal, juiz de direito e delegado do procurador regio, corpo docente do lyceu nacional, bombeiros voluntarios, delegados de saude, asylo da Infancia Desvalida e das orphãs desamparadas, director das obras publicas, escriptão de fazenda e emfim, todas as repartições publicas se achavam alli representadas.

Assim que o comboio entrou nas agulhas o regimento apresentou armas, tocando a banda o hymno nacional, e uma salva se fez ouvir, annunciando ao longe a chegada de tão nobre, como il lustre personagem.

S. Exc.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> saiu da carruagem abençoando o povo que estava na gare e se mostrava humilde—entrou depois na sala de recepção acompanhado do arcipreste, dr. Silva, e grande numero de padres que tambem o esperavam, auctoridades, etc.

N'aquelle aposento que estava simplesmente adornado, recebeu grande numero de gente e auctoridades que, curvando-se respeitosa e beijavam o anel—terminada esta sympatica cerimonia, S. Exc.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> subiu para o coche acompanhado do Exc.<sup>mo</sup> Conselheiro Rocha Páris, e dirigiu-se á Egreja

Matriz, precedendo-o grande numero de coches com convidados, authoridades, titulares e immenso povo.

O sol ardente que aquella hora fazia, não intimidou o corajoso Prelado que, em carro descoberto e descoberta tambem a cabeça, mostrava-se alegre, continuando a abençoar o povo, que corria para elle como por encanto.

Chegado que foi á Egreja Matriz, foi recolhido debaixo do pallio, e dirigindo-se ao altar-mór, teve principio um solemne—*Te-Deum*—em acção de graças por tão valiosa visita.

Finda esta cerimonia, dirigiu-se S. Exc.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> ao hotel Central, acompanhado por toda a comitiva e regimento, apresentando este armas em frente do hotel e depois seguiu para o quartel, ficando a banda que tocou no pateo do hotel durante o tempo que S. Exc.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> alli esteve.

A's 3 e meia horas da tarde, e depois de ter *lanchado* na companhia de todas as authoridades, dirigiu-se S. Exc.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> com o mesmo acompanhamento ao extinto convento de S. Domingos, para visitar a campa de D. Frei Bartholomeu dos Martyres, fazendo-lhe o Prior d'aquella Egreja uma honrosa recepção.

Nem outra coisa era d'esperar do digno Conego José Maria de Barros.

Este vasto templo estava tão repleto de gente que S. Exc.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> e authoridades, lhes foi difficil a saida.

Depois de sair d'esta Egreja tomou de novo o coche, e, acompanhado como tenho dito, deu uma volta pelos extremos da cidade, recolhendo outra vez ao hotel, e d'alli, com pouca demora, seguiu ás 5 horas para os Arcos de Val-de-Vez, indo todos os coches em n.º avultado, acompanhando-o até fóra da cidade.

As ruas mais centraes por onde passou o Prelado estavam embandeiradas e nas sacadas viam-se finissimas colchas.

Toda a gente ficou captivada por tão honrosa visita e pelo modo como S. Exc.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> encarava o povo que o cercava. Aquella amabilidade, aquelle carinho emfim, são dotes que só se encontram nos ministros da nossa Egreja Romana.

Praza a Deus que S. Exc.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> chegue sem novidade á terra de seu destino, e que todo o povo por elle abençoado prosiga na vasta carreira da nossa religião, tomando o exemplo d'aquelle que tantas saudades deixou em pouco tempo—são estes os desejos de quem escreve estas humildes linhas.»

Teve lugar no dia 20 de junho passado, a communhão das meninas do

Collegio de Santa Izabel, em Coimbra, do que é directora a Exc.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Ludovina do Carmo Pereira Neves, virtuosa sr.<sup>a</sup>, incansavel na boa educação que sabe dar ás creancinhas que lhe são confiadas, e que tem o seu nome na lista dos assignantes e amigos do «Progresso Catholico» desde a sua fundação.

A cerimonia, diz o nosso presadissimo collega, da «Ordem», tivera lugar na egreja de S. Christovão, constando de missa resada pelo Exc.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Lino, lente cathedratico da Universidade, havendo tambem uma pratica feita pelo mesmo.

Foi edificante a cerimonia da communhão, e mais ainda porque com as creanças receberam o Pão Eucharistico os paes de quasi todas as meninas.

Reproduzindo esta noticia temos em vista dar uma ideia do Collegio que tão religiosamente dirige a Exc.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Ludovina do Carmo Pereira Neves, recommendal-o ás pessoas que desejem dar uma solida instrucção a suas filhas, e tornar conhecido o bom costume de receberem o Pão dos Anjos, os paes que pela primeira vez veem approximar-se da Meza Eucharistica, suas filhas.

Muito folgamos ver isto em Guimarães, não só, mas em toda a parte onde se faça a tocante cerimonia da communhão de meninas.

Para que será?

Dizem os jornaes que se está trabalhando com grande actividade na organização dos mappas dos rendimentos de collegiadas e confrarias das dioceses do reino.

Será para alguma escamoteação das milhas de que são capazes todos os governos revolucionarios?

Não será, não; mas, então, para que será?

Anda tudo ás tortas, n'este reino de Portugal. S. M. El-Rei o Sr. D. Luiz, dizia ha dias o «Primeiro de Janeiro», fez constar, por meio do ministro das obras publicas, ao Sr. Raphael Bordallo Pinheiro, QUE MUITO PRAZER TERIA EM O GALARDOAR COM A COMMENDA DA ORDEM DE S. THIAGO.

Raphael Bordallo Pinheiro, acrescenta o mesmo jornal, agradeceu a honra que El-Rei lhe queria conferir; entretanto, PEDIU LICENÇA PARA NÃO ACCEITAR.

Este Bordallo Pinheiro é um caricaturista que no «Antonio Maria», e em outros jornaes burlescos, tem apresentado El-Rei o Sr. D. Luiz como o palhaço menos engraçado, como o arlequim menos importante da politica

portugueza; tem-lhe feito uma troça, mas troça baixa e relles, que só por isso merecia ir pintar maracos nas paredes da penitenciaria.

Pois El-Rei queria dar-lhe a commenda de S. Thiago! Bem fez elle que não acceitou.

Qual tem mais juiso?

Dedicação religiosa e abnegação das cousas da terra, é o que admiramos n'essas heroínas da caridade, n'essas mulheres sublimes, que são a admiração das nações, o mais formoso e esplendido orgulho do seculo dezanove.

Em Baltimore finára-se ha pouco uma irmã da caridade, que possuia a voz mais bella d'este mundo, segundo a opinião de Rubinstein.

Antes de professar, e de envergar o habito religioso, recusára a offerta de 15 contos de reis por uma serie de concertos, não superior a 6 semanas.

A formosa cantora recusou com a dignidade que dá a fô e, pouco depois chamava-se a Irmã Ignez Guibert.

Foi essa heroína que ha dias passou a vida melhor, onde receberia mais que 15 contos de reis, muito mais, porque receberia a felicidade eterna.

A Sagrada Congregação dos Eitos acaba de declarar patronos celestiaes dos enfermos e hospitaes S. João de Deus e S. Camillo de Lelis, e ordenou se incluíam os nomes d'estes santos nas ladainhas dos agonisantes.

Uns madraços, uma *troup* de ignorantes, é o que tem sido os padres, frades, jesuitas em todos os tempos.

Ora vejam o que o «Boletim ecclesiastico de Avila» nos fornece para nós darmos de presente aos livres-pensadores, aos homens da era nova:

«Vamos apresentar nas bochechas dos livre-pensadores, que estam sempre gritando contra a ignorancia do clero, alguns dados, entre muitos, fructo d'uma vista d'olhos sobre as sciencias.

Deve-se pois:

«A Vigilio, Arcebispo de Salibourg no seculo XII, a 1.<sup>a</sup> affirmacção da redondeza da terra e da existencia dos antipodas.

«A Guy, monge de Arezzo, a clave, escala musical e a harmonia.

«Ao Diacono Guiojo, o iman e a bussula.

«Ao Dominico Spina, os oculos.

«Ao Dominico Alberto, o Grande, o zinco e arsenico.

«Ao monge Rogério Bacon, as ideias claras sobre muitas descobertas do nosso seculo.

«Ao frade Schwartz, os fusis e a polvora de canhão.

«A Ricardo Walingfort, Abbade de Santo Albano de Inglaterra, a construcção do 1.<sup>o</sup> reló astronomico.

«A Vaz Valentino, beneditino, a 1.<sup>a</sup> applicação da chimica á medicina.

«A Lucas Borgo, a algebra.

«Ao Jesuita Hircher, 1697, a 1.<sup>a</sup> lanterna magica e a construcção do 1.<sup>o</sup> espelho ardente por meio dos vidros planos.

«Ao Jesuita Cavaglieri, morto em 1647, a refracção da luz e a descoberta dos infusórios.

«Ao Cardeal Regio-Flontano, o systema metrico.

«Ao mesmo Cardeal, a Copernico, conego, e Cardeal Cusa, o verdadeiro systema do mundo.

«Ao mesmo Cardeal Cusa, antes de Galileu, a rotaçao da terra em roda do sol.

«Ao beneditino hespanhol Ponce, o principio da instrucção aos surdos-mudos em 1579, que mais tarde aperfeicou e propagou o Padre francez, L'Epè.

«Ao Padre Luna, Jesuita morto em 1687, a instrucção dos cegos.

«Ao Padre Camponi, morto em 1860, a invenção do corte de pedras.

«Ao Diacono Nollet, de Pimpre, (França) a honra de ter explicado, 2 annos antes de Franklin, as tempestades pela presença da electricidade nas nuvens.

«Um padre austriaco, premiado por Maria Thereza e pela Academia de Vienna, descobriu, antes de Franklin, o párra-raios.

Pode lêr-se isto nas memorias da Academia de Vienna.»

J. de Freitas.

Aos que podem

CONTINUAMOS a implorar a caridade dos nossos leitores em prol das duas senhoras que desejam entrar n'uma ordem religiosa, que desejam ser filhas da Santa Doutora, Thereza de Jesus, longe da Patria, porque na Patria é isso um crime.

Transporte do n.º anterior... 175815

Do assignante n.º 3955, de Guimarães .....	200
Do assignante n.º 3532, de Lamego .....	400
Do assignante n.º 3722, de Vianna do Castello.....	370

Somma..... 185485

